

# As obras da FUVEST

**3**

Poemas escolhidos



**GREGÓRIO  
DE MATOS**



## POEMAS ESCOLHIDOS DE GREGÓRIO DE MATOS



## 1. O ESTILO LITERÁRIO

O Barroco pode ser visto como uma constante universal na arte, que se evidencia nos períodos marcados por graves conflitos espirituais. A mais plena realização do Barroco ocorreu no século XVII. Na Europa ele surgiu no contexto da Contrarreforma, período caracterizado pela reação da Igreja Católica aos novos movimentos culturais, científicos e religiosos, em especial, a Reforma Protestante.

A arte barroca caracterizou-se pelo exagero expressivo e pela tensão entre elementos opostos, derivados de uma visão de mundo marcada por uma profunda dualidade. Isso porque o homem do século XVII precisava conciliar o teocentrismo medieval e o antropocentrismo clássico, e valores contrários como Deus e homem, céu e terra, fé e razão, alma e corpo.

Um traço fundamental do Barroco é o culto do contraste, da contradição e do conflito, que na literatura se expressa pela grande ocorrência de antíteses e paradoxos. A linguagem barroca é marcada pela ornamentação exagerada e traduz o gosto pela agudeza do pensamento, pela artificialidade exagerada e pela vontade de surpreender o leitor, chamando sua atenção para a espantosa engenhosidade da construção textual.

Chama-se *cultismo* ou *gongorismo* (em alusão a Gôngora, poeta espanhol) o aspecto mais sensorial do Barroco. Essa vertente do barroco apresenta uma grande quantidade de figuras de linguagem (metáforas, antíteses, hipérbolos, hipérbatos, anáforas, quiasmos, paronomásias etc.), que contribui para uma ornamentação excessiva e rebuscada.

O *conceptismo* ou *quevedismo* (em referência a Quevedo, escritor espanhol) diz respeito ao aspecto intelectual do barroco, voltado para o jogo de ideias, para a argumentação sutil. Essa tendência apresenta um requinte expressivo e sutileza de ideias. Cultismo e conceptismo são dois aspectos do Barroco que não se separam. Nada impede, portanto, que um texto apresente, simultaneamente, aspectos cultistas e conceptistas.

O primeiro estilo artístico e literário brasileiro foi o Barroco. Esse estilo é contemporâneo dos alicerces mais antigos da sociedade e da cultura brasileira. Surgiu na época da formação da sociedade patriarcal nos engenhos de cana-de-açúcar do Nordeste. Nesse período, a economia estava apoiada na monocultura, no latifúndio e no trabalho escravo.

Nos colégios jesuíticos, os estudantes empenhavam-se em adquirir destreza verbal para defender os dogmas religiosos. Não havia estímulo para o desenvolvimento de criticidade. Nesse contexto, Gregório de Matos Guerra, produziu uma poesia que buscou adaptar os princípios barrocos às contradições da realidade baiana.

## 2. BIOGRAFIA

Gregório de Matos Guerra (BA, 1636 – Recife, PE, 1695) pode ser considerado um homem barroco por temperamento. Inteligente e talentoso, viveu entre ricos e pobres, religiosos e decaídos. Transpôs para o português esquemas poéticos de Gôngora e Quevedo. Utilizou os processos mais racionais e típicos do Barroco. Sua vasta e variada obra permaneceu inédita durante sua atribulada vida, porém vários de seus poemas eram frequentemente declamados pelo povo, ou circulavam em cópias manuscritas. Incompreendido, sofreu prisão e exílio; foi

apelidado “O Boca do Inferno” em consideração a suas sátiras mordazes. Proveniente de família abastada, terminou na miséria.

### 3. DIVISÃO DA OBRA

Para a seleção de poemas deste folheto, foi utilizado o livro *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*, seleção e prefácio de José Miguel Wisnik – São Paulo: Companhia das Letras, 2010. A seleção de poemas segue à seguinte divisão didática:

1. *A poesia da circunstância*: voltada para o meio social. Aparece, nesse grupo de poemas, a *sátira social*. Conforme Fernando Teixeira,

Ninguém escapou da língua ferina do “Boca do Inferno”: autoridades, comerciantes, padres, freiras, juízes, militares, brancos, pretos, mulatos, índios. Mas havia dois alvos prediletos: o relaxamento moral na Bahia e os “caramurus”, primeiros colonos nascidos no Brasil, que aspiravam à condição de fidalgos. (Coleção Objetivo – *Literatura Brasileira* – Livro 3 – pág. 17)

Também faz parte desse grupo a *sátira graciosa* (que faz referência a acontecimentos pitorescos e festas na Bahia e a poesia encomiástica (de elogio).

2. *A poesia amorosa*: diz respeito à poesia lírica e à poesia erótico-irônica (associada à sexualidade com aspectos divertidos). De acordo com Fernando Teixeira,

A lírica amorosa apresenta-se sob o signo da dualidade barroca, oscilando entre a atitude contemplativa, o amor elevado, à maneira dos sonetos de Camões, e a obscenidade, o carnalismo. É curioso que a postura platônica é dominante, quando o poeta se refere a mulheres brancas, de condição social superior, e a libido agressiva, o erotismo e o desbocamento são as tônicas, quando o poeta se inspira nas mulheres de condição social inferior, especialmente as mulatas. (Coleção Objetivo – *Literatura Brasileira* – Livro 3 – pág. 16)

3. *A poesia religiosa*: tematiza a culpa e o perdão e a vida como algo passageiro, transitório. Segundo Fernando Teixeira,

A lírica sacra expressa a cosmovisão barroca: a insignificância do homem perante Deus, a consciência nítida do pecado e a busca do perdão. Ao lado de momentos de verdadeiro arrependimento, muitas vezes o tema religioso é utilizado como simples pretexto para o exercício poético, desenvolvendo engenhosos jogos de imagens e conceitos. Coleção Objetivo – *Literatura Brasileira* – Livro 3 – pág. 15)

### 4. ANTOLOGIA POÉTICA

#### POESIA DE CIRCUNSTÂNCIA I – SATÍRICA

##### **Juízo anatómico dos achaques que padecia o corpo da República, em todos os membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia**

EPÍLOGOS (fragmento)

1  
Que falta nesta cidade? ..... Verdade.  
Que mais por sua desonra?..... Honra.  
Falta mais que se lhe ponha?..... Vergonha.

O demo a viver se exponha  
Por mais que a fama a exalta,  
Numa cidade onde falta  
Verdade, honra, vergonha.

2  
Quem a pôs neste socrócio<sup>1</sup> ..... Negócio.  
Quem causa tal perdição? ..... Ambição.  
E o maior desta loucura? ..... Usura.

Notável desventura  
De um povo néscio, e sandeu,  
Que não sabe que o perdeu  
Negócio, ambição, usura.

3  
Quais são os seus doces objetos? ..... Pretos.  
Tem outros bens mais maciços? ..... Mestiços.  
Quais destes lhe são mais gratos?..... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,  
Dou ao demo a gente asnal,  
Que estima por cabedal

(...)

<sup>1</sup> socrócio: retrocesso, furtar.

5  
E que justiça a resguarda? ..... Bastarda.  
É grátis distribuída? ..... Vendida.  
Que tem, que a todos assusta? ..... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa  
O que El-Rei nos dá de graça,  
Que anda a justiça na praça  
Bastarda, vendida, injusta.

(...)

(p. 41-42)

## À cidade da Bahia

### SONETO

Triste Bahia! ó quão dessemelhante  
Estás e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,<sup>2</sup>  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitias do sagaz Brichote.<sup>3</sup>

Oh se quisera Deus que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

(p. 44)

## Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia

### SONETO

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,  
Que a vida do vizinho e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,  
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,  
Trazidos sob os pés os homens nobres<sup>4</sup>,  
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos os que não furtam muito pobres:  
E eis aqui a cidade da Bahia.

(p. 45)

## Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com o seu ápage, como quem a nado escapou da tormenta

### SONETO

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:  
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:  
Com sua língua ao nobre o vil decepa:  
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa<sup>5</sup>:  
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;  
Quem menos falar pode, mais increpa:  
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;  
Bengala hoje na mão, ontem garlopa<sup>6</sup>:  
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa<sup>7</sup>,  
E mais não digo, porque a Musa topa  
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

(p. 46)

<sup>2</sup> trocou-te a máquina mercante: trocou-te: sentido de comerciar, modificar; máquina mercante: as naus que aportam para comerciar.

<sup>3</sup> Brichote: estrangeiro, com sentido pejorativo.

<sup>4</sup> trazidos sob os pés os homens nobres: na visão do poeta, os mulatos em ascensão subjugam com esperteza os “homens nobres”.

<sup>5</sup> mostra o patife da nobreza o mapa: pretende-se descendente de linhagem nobre.

<sup>6</sup> bengala hoje na mão, ontem garlopa: hoje bengala (índice de fidalguia), ontem garlopa (ferramenta de marcenaria, índice do trabalho braçal).

<sup>7</sup> vazo a tripa: tem o sentido de defecar; manifestação de desprezo pela “tropa do trapo”, isto é, fidalguia baiana sem tradição.

## Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da Freguesia do Passé<sup>8</sup>

SÁTIRA (fragmento)

1

Um branco muito encolhido,  
um mulato muito ousado,  
um branco todo coitado,  
um canaz<sup>9</sup> todo atrevido;  
o saber muito abatido,  
a ignorância e ignorante  
mui ufana e mui farfante,  
sem pena ou contradição:  
milagres do Brasil são.

2

Quem um cão revestido em padre,  
por culpa da Santa Sé,  
seja tão ousado que  
contra um branco honrado ladre;  
e que esta ousadia quadre  
ao bispo, ao governador,  
ao cortesão, ao senhor,  
tendo naus no maranhão:  
milagres do Brasil são.

(...)

(p. 49-50)

## Descreve com mais individuação a fúria com que os estranhos sobem a arruinar sua República

ROMANCE (fragmento)

Senhora Dona Bahia,  
nobre e opulenta cidade,  
madrasta dos naturais,  
e dos estrangeiros madre:

Dizei-me por vida vossa,  
em que fundais o ditame  
de exaltar, os que aí vêm,  
e abater, os que ali nascem?

Se o fazeis pelo interesse,  
de que os estranhos vos gabem,  
isso os paisanos fariam  
com conhecidas<sup>10</sup> vantagens.

E suposto que os louvores  
em boca própria não valem<sup>11</sup>,  
se tem força terá a verdade.

(...)

Haverá duzentos anos,  
nem tantos podem contar-se,  
que éreis uma aldeia pobre,  
e hoje sois rica cidade.

Então vos pisavam Índios,  
e vos habitavam cafres,  
hoje chispais fidalguias,  
arrojando personagens.

A essas personagens vamos,  
sobre elas será o debate,  
e queira Deus, que o vencer-vos  
para envergonhar-vos baste.

(...) (p. 53-54)

<sup>8</sup> Lourenço Ribeiro, clérigo e pregador, natural da Bahia. Mulato, compositor de trovas, que cantava nas sociedades ao som da cítara. Desdenhou publicamente dos versos de Gregório de Matos. Essa sátira foi feita para tirar desforra.

<sup>9</sup> canaz: grande cão.

<sup>10</sup> conhecidas: há registro de duplicadas.

<sup>11</sup> valem: há registro de cabem.

## Aos principais da Bahia, chamados os Caramurus

### SONETO

Há coisa como ver um Paiaia<sup>12</sup>  
Mui prezado de ser Caramuru,  
Descendente do sangue de tatu,  
Cujo torpe idioma é Cobepá<sup>13</sup>.

A linha feminina é Carimá<sup>14</sup>  
Moqueca, pititinga<sup>15</sup>, caruru  
Míngau de puba, vinho de caju  
Pisado num pilão de Pirajá.

A masculina é um Aricobé<sup>16</sup>  
Cuja filha Cobé<sup>17</sup>, c'um branco Paí  
Dormiu no promontório de Passé.

O branco é um marau, que veio aqui;  
Ela é uma índia de Maré  
Cobépá, Aricobé, Cobé, Paí.

(p. 108)

## Aos vícios

### TERCETOS (fragmento)

Eu sou aquele, que os passados anos  
Cantei na minha lira maldizente  
torpezas do Brasil, vícios e enganoso.

(...)

De que pode servir calar, quem cala?  
Nunca se há de falar o que se sente?!  
Sempre se há de sentir, o que se fala.

Qual homem pode haver tão paciente,  
Que vendo o triste estado da Bahia,  
Não chore, não suspire, e não lamente?

Isto faz a discreta fantasia:  
Discorre em um e outro desconcerto,  
Condena o roubo, increpa a hipocrisia.

O néscio, o ignorante, o inexperto,  
Que não elege o bom, nem mau reprova,  
Por tudo passa deslumbrado e incerto.  
(...)

Se souberas falar, também falaras,  
Também satirizaras, se souberas,  
E se foras Poeta, poetizaras.

A ignorância dos homens destas eras  
Sisudos faz ser uns, outros prudentes,  
Que a mudez canoniza bestas feras.

Há bons, por não poder ser insolentes,  
Outros há comedidos de medrosos,  
Não mordem outros não, por não ter dentes.

Quantos há que os telhados têm vidrosos,  
E deixam de atirar sua pedrada,  
De sua mesma telha receosos.

(p. 199-201)

<sup>12</sup> Paiaia: pajé.

<sup>13</sup> Cobepá: dialeto indígena.

<sup>14</sup> Carimá: bolo feito de farinha de mandioca.

<sup>15</sup> pititinga: espécie de peixes pequenos.

<sup>16</sup> Aricobé: Cobé (nome de uma tribo de índios progenitores do Paiaia).

<sup>17</sup> Cobé: palavra usada por Gregório para designar os descendentes dos indígenas.

## POESIA DE CIRCUNSTÂNCIA II – ENCOMIÁSTICA

### Ao mesmo desembargador Belchior da Cunha Brochado

Dou                    pruden                    pobre huma                    afá  
Re                    cien                    benign                    e aprazí

Úni                    singular ra                    inflexí  
Magnífi                    precla                    incompará

Do mun                    grave ju                    inimitá  
Admira                    goza                    aplauso incrí

Po                    a trabalho tan                    e t                    terrí  
Da                    pron                    execuç                    sempre incansá

Voss                    fa                    senhor sej                    notór  
L                    no cli                    onde nunc                    chega o d

Ond                    do Ere                    só se tem memór  
Para qu                    gar                    bo<sup>18</sup>                    tal tanta energ

Po                    de tod                    est                    terr                    é gentil glór  
Da ma                    remot                    sej                    um                    alegr

(p. 205)

<sup>18</sup> *Erebo*: mitologia, nome das trevas infernais, “onde nunca chega o dia”. Entenda-se: já que tanto garbo e tanta energia são gentil glória desta terra, que sejam também alegria da terra mais remota (isto é, o Erebo).



## POESIA AMOROSA I – LÍRICA

**Rompe o poeta com a primeira impaciência querendo declarar-se e temendo perder por ousado**

SONETO

Anjo no nome, Angélica na cara!  
Isso é ser flor, e Anjo juntamente:  
Ser Angélica flor, e Anjo florente,  
Em quem, senão em vós se uniformara:

Quem vira uma tal flor, que a não cortara,  
De verde pé, de rama florescente;  
E quem um Anjo vira tão luzente,  
Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,  
Fôreis o meu Custódio, e a minha guarda,  
Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que por bela, e tão galharda,  
Posto que os Anjos nunca dão pesares,  
Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.  
(p. 216)

**Solitário em seu mesmo quarto à vista da luz do candeeiro porfia o poeta pensamentear exemplos de seu amor na borboleta**

SONETO

Ó tu do meu amor fiel traslado  
Mariposa entre as chamas consumida,  
Pois se à força do ardor perdes a vida,  
A violência do fogo me há prostrado.

Tu de amante o teu fim há encontrado,  
Essa flama girando apeteçada;  
Eu girando uma penha endurecida,  
No fogo que exalou, morro abrasado.

Ambos, de firmes, anelando chamas,  
Tu a vida deixas, eu a morte imploro  
Nas constâncias iguais, iguais nas famas.

Mas ai!, que a diferença entre nós choro;  
Pois acabando tu ao fogo, que amas,  
Eu morro, sem chegar à luz, que adoro.  
(p. 239)

## POESIA AMOROSA II – ERÓTICO-IRÔNICA

**A uma freira, que satirizando a delgada fisionomia do poeta lhe chamou “Pica-Flor”**

DÉCIMA

Se Pica-Flor me chamais,  
Pica-Flor aceito ser,  
mas resta agora saber,  
se no nome que me dais,  
meteis a flor, que guardais  
no passarinho melhor!  
Se me dais este favor,  
sendo só de mim o Pica,  
e o mais vosso, claro fica,  
que fico então Pica-Flor.

(p. 275)

### Definição do amor

ROMANCE (fragmento)

Mandai-me, Senhoras, hoje,  
que em breves rasgos descreva  
do Amor a ilustre prosápia,  
e de Cupido<sup>19</sup> as proezas.

Dizem que da clara escuma,  
dizem que do mar nascera,  
que pegam debaixo d'água  
as armas, que Amor carrega.  
(...)

Nada disto é, nem se ignora,  
que o Amor é fogo, e bem era  
tivesse por berço as chamas  
se é raio nas aparências.  
(...)

<sup>19</sup> Cupido: mitologia, correspondente latino de Eros, deus grego do amor.

Um antídoto, que mata,  
doce veneno, que enleia,  
uma discrição sem siso,  
uma loucura discreta.

Uma prisão toda livre,  
uma liberdade presa,  
desvelo com mil descansos,  
descanso com mil desvelos.  
(...)

Uma ferida sem cura,  
uma chaga, que deleita,  
um frenesi dos sentidos,  
desacordo de potências.  
(...)

O Amor é finalmente  
um embaraço de pernas,  
uma união de barrigas,  
um breve tremor de artérias.

Uma confusão de bocas,  
uma batalha de veias,  
um reboiço de ancas,  
quem diz outra coisa, é besta.

(p. 301-309)

## POESIA RELIGIOSA

### A Jesus Cristo nosso senhor

#### SONETO

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,  
Da vossa alta clemência me despido;<sup>20</sup>  
Porque, quanto mais tenho delinquido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,  
A abrandar-vos sobeja um só gemido:  
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,  
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada<sup>21</sup>,  
Glória tal e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,  
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,  
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

(p. 31)

### Buscando a Cristo

A vós correndo vou, braços sagrados,  
Nessa cruz sacrossanta descobertos,  
Que, para receber-me, estais abertos,  
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados  
De tanto sangue e lágrimas abertos<sup>22</sup>,  
Pois, para perdoar-me, estais despertos,  
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,  
A vós, sangue vertido, para ungir-me,  
A vós, cabeça baixa, p'ra chamar-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,  
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,  
Para ficar unido, atado e firme.

(p. 316)

<sup>20</sup> despido: despeço.

<sup>21</sup> cobrada: recuperada.

<sup>22</sup> abertos: cobertos.

**Achando-se um braço perdido do Menino Deus de N.S. das Maravilhas, que desacatarem infiéis na Sé da Bahia**

SONETO

O todo sem a parte não é todo;  
A parte sem o todo não é parte;  
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,  
Não se diga, que é parte, sendo o todo.

Em todo o sacramento está Deus todo,  
E todo assiste inteiro em qualquer parte,  
E feito em partes todo em toda a parte,  
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,  
Pois que feito Jesus em partes todo,  
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,  
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,  
Nos disse as partes todas deste todo.

(p. 326)

**Moraliza o poeta nos Ocidentes do Sol a inconstância dos bens do mundo**

SONETO

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

(p. 336)

**A Maria dos Povos, sua futura esposa**

SONETO

Discreta e formosíssima Maria<sup>23</sup>,  
Enquanto estamos vendo a qualquer hora  
Em tuas faces a rosada Aurora,  
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia  
O ar, que fresco Adônis<sup>24</sup> te namora,  
Te espalha a rica trança voadora,  
Quando vem passear-te pela fria<sup>25</sup>:

Goza, goza da flor da mocidade,  
Que o tempo trota a toda ligeireza,  
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade  
Te converta em flor, essa beleza  
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

(p. 338)

**5. COMENTÁRIOS SOBRE OS TEXTOS DESSA ANTOLOGIA**

**(Mencionados título e primeiro verso do poema)**

1. **“Juízo anatômico dos achaques que padecia o corpo da República, em todos os membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia”**

**“Que falta nesta cidade? .....Verdade”.**

É realizado um perfil do desregramento da cidade da Bahia: economia decadente, autoridades corruptas, clero libertino, justiça desonesto.

<sup>23</sup> “Discreta e formosíssima Maria” – paráfrase de soneto de Gôngora: “Ilustre y hermosíssima Maria”.

<sup>24</sup> Adônis: divindade mitológica, protótipo da beleza masculina.

<sup>25</sup> pela fria: pela madrugada.

2. **“À cidade da Bahia”**

**“Triste Bahia! Ó quão dessemelhante”**

O eu poético lamenta o fato de que houve uma degeneração na cidade, transformação que o atingiu também. Essa decadência ocorreu em razão da “máquina mercante”. Essa sátira investe contra as oportunistas operações dos mercadores da época. Caetano Veloso recriou o poema na canção “Triste Bahia”.

3. **“Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”**

**“A cada canto um grande conselheiro”**

É apresentado um quadro da degradação da cidade. Tipos perniciosos são mencionados: “grandes conselheiros” que, incapazes de dirigirem suas próprias vidas, têm a pretensão de orientar a alheia; “olheiros”, que espalham maledicências; “mulatos desavergonhados”, cuja malandragem é socialmente exaltada, e os que obtêm lucro exorbitante em negociações inescrupulosas.

4. **“Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com o seu ápage, como quem a nado escapou da tormenta”**

**“Neste mundo é mais rico o que mais rapa:”**

Sátira da encenação social e da forma questionável de enriquecimento encontrada na sociedade baiana (brasileira).

5. **“Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da Freguesia do Passé”**

**“Um branco muito encolhido”**

Lourenço Ribeiro, compositor de trovas, desdenhou publicamente dos versos de Gregório de Matos. Ofendido, Gregório escreveu essa sátira por desforra. Demonstração de aversão ao mulato.

6. **“Descreve com mais individuação a fíducia com que os estranhos sobem a arruinar sua República”**

**“Senhora Dona Bahia”**

Critica-se o fato de que a Bahia (o Brasil, de que a Bahia era a capital), mesmo sendo “nobre e opulenta”, maltrata o povo aqui nascido e trata bem os estrangeiros: “madrasta dos Naturais, /e dos Estrangeiros madre”.

7. **“Aos principais da Bahia, chamados os Caramurus”**

**“Há coisa como ver um Paiaia”**

Há uma crítica a ricos senhores que, mestiçados de português e tupi, presumiam igualar-se em linhagem com a velha nobreza branca da Bahia. Inclusão da mestiçagem na linguagem poética: inclusão de palavras do tupi no soneto europeu.

8. **“Aos vícios”**

**“Eu sou aquele, que os passados anos”**

O poeta se descreve como alguém cuja “lira maldizente” denuncia as “torpezas, vícios e enganços” do Brasil.

9. **“Ao mesmo desembargador Belchior da Cunha Brochado”**

Feito em homenagem a uma figura de relevo da sociedade baiana; predomina o elemento lúdico do Barroco.

10. **“Rompe o poeta com a primeira impaciência querendo declarar-se e temendo perder por ousado”**

**“Anjo no nome, Angélica na cara!”**

O relacionamento amoroso aparece marcado por tensão de elementos contrários. A mulher é descrita como *anjo e flor* (espírito e matéria). O jogo de palavras revela a busca por unidade (“Sois Anjo que me tenta, e não me guarda” – paradoxo: um anjo tentador), por um espírito dividido entre o idealismo e o apelo dos sentidos.

11. **“Solitário em seu mesmo quarto à vista da luz do candeeiro porfia o poeta pensamentear exemplos de seu amor na borboleta”.**

**“Ó tu do meu amor fiel traslado”**

Há um desenvolvimento engenhoso de uma única imagem: a da mariposa atraída pela chama que deverá matá-la. Ocorre uma comparação entre a situação da mariposa e a do eu poético, que considera seu sacrifício mais terrível que o dela, por ser um martírio inútil.

12. **“A uma freira, que satirizando a delgada fisionomia do poeta lhe chamou “Pica-Flor”.**

**“Se Pica-flor me chamais,”**

Trata-se de uma espécie de revide a uma freira satirizada por ter atribuído ao poeta o apelido de Pica-flor, em razão de sua aparência que lembra o pássaro.

13. **“Definição do amor”**

**“Mandai-me, Senhores, hoje,”**

Ao longo do poema, são oferecidas várias imagens barrocas acerca do amor. Ao final, escolhe-se uma definição fundamentada na experiência concreta. Nesse final, evidencia-se o sensualismo ligado diretamente ao corpo.

14. **“A Jesus Cristo nosso senhor”:**

**“Pequei, Senhor, mas porque hei pecado”**

O poeta dirige-se a Deus, admite seus pecados e apresenta-se como a “ovelha desgarrada” do texto bíblico. Dessa forma, argumenta que convém a Deus dar-lhe o perdão para não perder a reputação de “bom pastor”.

15. **“Buscando a Cristo”**

**“A vós correndo vou, braços sagrados,”**

Um sistema de metonímias vai relacionando as partes de Cristo (“braços”, “olhos”, “pés”, “sangue”, “cabeça”, “cravos”) e, assim, substituem todo o Cristo crucificado.

16. **“Achando-se um braço perdido do Menino Deus de N.S. das Maravilhas, que desacatarem infiéis na Sé da Bahia”**

**“O todo sem a parte não é todo;”**

Espécie de desagravo a uma estátua. Agudez de raciocínio, desenvolvido a partir de premissas (o todo não existe sem a parte; a parte não existe se não existir um todo) e conclusão (a parte é o todo). Exemplo de Barroco conceptista.

17. **“Moraliza o poeta nos Ocidentes do Sol a inconstância dos bens do mundo”**

**“Nasce o Sol, e não dura mais que um dia.”**

Temática da passagem do tempo, da instabilidade das coisas, da inconstância da natureza e da condição humana, das incertezas da vida e da transitoriedade dos fatos cotidianos.

18. **“A Maria dos Povos, sua futura esposa”**

**“Discreta, e formosíssima Maria,”**

A juventude e a beleza da mulher são apresentadas por meio de metáforas. Há um apelo para o aproveitamento da juventude, um aconselhamento para aproveitar o momento presente (*carpe diem*). O último verso compõe-se por diversos termos que representam a ideia de morte (“Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada!”)

## □ Exercícios

1. (Famema/2019 – Medicina) – A veia lírico-amorosa do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696) está bem exemplificada em:

- a) “Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,  
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;  
De pó te faz espelho, em que se veja  
A vil matéria, de que quis formar-te.”
- b) “Aquele não sei quê, que, Inês, te assiste  
No gentil corpo, e na graciosa face,  
Não sei donde te nasce, ou não te nasce,  
Não sei onde consiste, ou não consiste.”
- c) “A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.”
- d) “Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.”
- e) “Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,  
É verdade, Senhor, que hei delinquido,  
Delinquido vos tenho, e ofendido,  
Ofendido vos tem minha maldade.”

2. (Cefet-MG/2018)

Já desprezei, sou hoje desprezado,  
Despojo sou, de quem triunfo hei sido,  
E agora nos desdêns de aborrecido,  
Desconto as ufânicas de adorado.

O amor me incita a um perpétuo agrado,  
O decoro me obriga a um justo olvido:  
E não sei, no que empreendo, e no que lido,  
Se triunfe o respeito, se o cuidado.

Porém vença o mais forte sentimento,  
Perca o brio maior autoridade,  
Que é menos o ludíbrio, que o tormento.

Quem quer, só do querer faça vaidade,  
Que quem logra em amor entendimento,  
Não tem outro capricho, que a vontade.

(Gregório de Matos. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*.  
São Paulo: Companhia das Letras, 2010.)

Em termos formais e temáticos, as principais características barrocas do soneto são, respectivamente,

- a) a sintaxe rebuscada e o culto aos contrastes.  
b) o rigor métrico e a crítica ao sentimentalismo.  
c) o vocabulário erudito e a reflexão sobre o amor.  
d) as rimas alternadas e o embate entre emoção e razão.
3. (UPE-2016)  
Gregório de Matos, poeta baiano, que viveu no século XVI, produziu uma poesia em que satiriza a sociedade de seu tempo. Execrado no passado por seus conterrâneos, hoje é reconhecido como grande poeta, sendo, inclusive, sua poesia satírica fonte de pesquisa histórica.

Leia os poemas e analise as proposições a seguir:

### Poema I

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante  
Estás, e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado  
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote

(Gregório de Matos)

### Poema II

Horas contando, numerando instantes,  
Os sentidos à dor, e à glória atentos,  
Cuidados cobro, acuso pensamentos,  
Ligeiros à esperança, ao mal constantes.

Quem partes concordou tão dissonantes?  
Quem sustentou tão vários sentimentos?  
Pois para a glória excedem de tormentos,  
Para martírio ao bem são semelhantes.

O prazer com a pena se embaraça;  
Porém quando um com outro mais porfia,  
O gosto corre, a dor apenas passa.

Vai ao tempo alterando a fantasia,  
Mas sempre com vantagem na desgraça,  
Horas de inferno, instantes de alegria.

(Gregório de Matos)

- I. Além de poeta satírico, o Boca do Inferno também cultivou a poesia lírica, composta por temas diversificados, pois nos legou uma lírica amorosa, erótica e religiosa e até de reflexão sobre o sofrimento, a exemplo do poema II.
- II. Considerado tanto poeta cultista quanto conceptista, o autor baiano revela criatividade e capacidade de improvisar, segundo comprovam os versos do poema I, em que realiza a crítica à situação econômica da Bahia, dirigida, na época, por Antônio Luís da Câmara Coutinho.
- III. Em *Triste Bahia*, poema I, musicado por Caetano Veloso, Gregório de Matos identifica-se com a cidade, ao relacionar a situação de decadência em que se encontram tanto ele quanto a cidade onde vive. O poema abandona o tom de zombaria, atenuando a sátira contundente para tornar-se um quase lamento.
- IV. Os dois poemas são sonetos, forma fixa herdada do Classicismo, muito pouco utilizada pelo poeta baiano, que desprezou a métrica rígida e criou poesia em versos brancos e livres.
- V. Como poeta barroco, fez uso consciente dos recursos estéticos reveladores do conflito do homem da época, como se faz presente na antítese que encerra o II poema: “Horas de inferno, instantes de alegria”.

Estão corretas apenas

- a) I, II, III e V.
- b) I, II e IV.
- c) IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) I, IV e V.

4. A sátira pode ser definida como “a luta cômica de duas sociedades, uma normal e outra absurda” (Northrop Frye, *Anatomia da Crítica*, São Paulo: Cultrix, 1973, pp.220-224). Como, na sátira de Gregório de Matos, esse conflito é representado?
5. Em “A ti trocou-te a máquina mercante”, verso do poema “À cidade da Bahia”, de Gregório de Matos, há um trocadilho. Comente-o.
6. Qual a temática predominante na lírica amorosa de Gregório de Matos?
7. Como a sensualidade é apresentada na poesia erótica de Gregório de Matos?
8. Na poesia religiosa de Gregório de Matos, aparece uma dualidade. De que se trata?



**POEMAS ESCOLHIDOS DE GREGÓRIO DE MATOS**

- 1) A vertente lírico-amorosa de Gregório de Matos Guerra é perceptível na presença da musa Inês e nos encantos dessa mulher: “gentil corpo”, “graciosa face”. Nota-se nessas imagens a influência camoniana. Em *a* e em *e*, há versos da poesia sacra ou religiosa. Em *c* e *d*, há versos satíricos; e, em *b*, versos que exemplificam a lírica-amorosa de Gregório de Matos.  
Resposta: B
- 2) São traços marcantes do Barroco: os fortes contrastes: “já desprezei, hoje sou desprezado” (por exemplo), e uma construção sintática caracterizada pelo rebuscamento, notável nas orações intercaladas e inversões.  
Resposta: A
- 3) A forma clássica do soneto foi muito utilizada pelo poeta baiano, bem como a métrica rígida.  
Resposta: A
- 4) “(...) na sátira de Gregório a sociedade “normal”, a do homem douto e bem-nascido, é revirada pela sociedade absurda, a dos *pasguates* instalados no poder, gozando de prestígio”. (José Miguel Wisnik. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 23).
- 5) “A máquina mercante troca = transforma e empobrece a cidade ao impor-lhe o primado da troca, isto é, do comércio, ao lançar a cidade e o eu poético no circuito das mercadorias (...). (José Miguel Wisnik. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 25).
- 6) “A lírica amorosa de Gregório de Matos (...) tematiza basicamente os choques entre *ascetismo e sensualismo, espírito e matéria*”. (José Miguel Wisnik. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 28).
- 7) Trata-se de uma poesia “que fala diretamente do corpo (...) numa visão escatológica, que não se desprende do moralismo e do machismo. Essa tendência de fazer da mulher objeto de uma libido agressiva fica sintomaticamente mais visível quando esta é negra ou mulata”. (José Miguel Wisnik. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 31).
- 8) Trata-se da dualidade culpa / perdão.